



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

MARIA JANIELE DE ALMEIDA RODRIGUES

LITERATURA DE CORDEL: uma estratégia lúdica no ensino de Geografia

**CAJAZEIRAS - PB
2017**

MARIA JANIELE DE ALMEIDA RODRIGUES

LITERATURA DE CORDEL: uma estratégia lúdica no ensino de Geografia

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), tendo como cumprimento de um dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Marcos Assis Pereira de Souza

**CAJAZEIRAS – PB
2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

R696l Rodrigues, Maria Janiele de Almeida.
Literatura de Cordel: uma estratégia lúdica no ensino de geografia /
Maria Janiele de Almeida Rodrigues. - Cajazeiras, 2017.
53p.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Assis Pereira de Souza.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2017.

1. Literatura de Cordel. 2. Prática pedagógica - Cordel. 3. Cordel -
estratégia lúdica. 4. Ensino de geografia. I. Souza, Marcos Assis Pereira de.
II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de
Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82-91

MARIA JANIELE DE ALMEIDA RODRIGUES

LITERATURA DE CORDEL: uma estratégia lúdica no ensino de Geografia

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande(UFCG), tendo como cumprimento de um dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Licenciatura em Geografia.

Aprovada em: ____/____/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Marcos Assis Pereira de Souza (Orientador)
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UACS
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Prof. Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UACS
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Examinador I

Prof.^a Maria da Glória Vieira Anselmo
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UACS
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Examinador II

Dedico a Deus que me proporcionou capacidade e força de vontade, me motivando a prosseguir com meus ideais, fornecendo as condições necessárias para que esse longo trajeto não fosse interrompido e assim poder realizar mais uma etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por ter me dado forças nos momentos em que pensei desistir, por ter me sustentado firme nessa empreitada de longos anos de lutas e vitórias.

A minha mãe, Ângela Maria e minha avó pela dedicação com meus filhos e a disposição de ficar com eles para que eu pudesse ir estudar em Cajazeiras. Ao meu pai, José Nildo, a meus irmãos José Rangel, e Raí pela compreensão comigo, que com orgulho me apoiaram nesta triunfante aventura do conhecimento e realização pessoal.

Ao corpo docente da UFCG, e a todos, que direta ou indiretamente, fazem essa nobre instituição funcionar com maestria, oportunizando aos seus discentes uma educação superior de qualidade.

Ao meu orientador, Dr. Marcos Assis Pereira de Souza, que com muita paciência soube me guiar em minhas dúvidas, não me deixando desistir e sempre estimulando minha capacidade na elaboração desse riquíssimo trabalho acadêmico.

A minhas amigas de sala, Francisca Luana Aylla Rutinely, Jocelia Quaresma, Deuziana Rayssa, Jaiza Ferreira, Camila Oliveira, e aos meus amigos, em especial David Abreu e Lucas Alves, vencemos essa luta, e nos tornamos uma grande família e a todos seja direta ou indiretamente me acompanharam e me ajudaram o meu mais sincero obrigada.

“A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações”.

Immanuel Kant

RESUMO

O presente trabalho objetivou incentivar os estudos geográficos nas séries finais do Ensino Fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Marques de Assis na cidade de São Domingos – PB, através do conhecimento e valorização da literatura de cordel que favoreçam aos alunos refletir sobre os usos e papéis sociais e culturais do povo Nordestino. O cordel compreende um gênero discursivo oral, narrado e/ou cantado, acompanhado de uma viola, e escrito, impresso em livretos, com a finalidade de informar, entreter, narrar fatos, ensinar, homenagear, entre outras., com temas diversos. O estudo evidenciou a importância da poesia de cordel, assim como a sua concepção e contexto histórico. Foi realizada uma investigação sobre a prática pedagógica do professor de Geografia, mais especificamente, no que se refere à utilização da literatura de cordel, como um importante recurso para este fim. Procurou-se também identificar as formas de inserção dos cordéis como recurso pedagógico para as aprendizagens em sala de aula nas séries finais do Ensino Fundamental. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, a qual nos subsidiou para a obtenção de uma melhor compreensão do assunto. Conclui-se que o cordel disposto como recurso nas aulas de Geografia, favorece um ensino dinâmico e criativo, cuja finalidade é contribuir para o desenvolvimento de sujeitos em formação, efetivando assim, o processo de aprendizagem.

Palavras-chaves: Literatura de Cordel. Estratégia lúdica. Conhecimentos geográficos.

ABSTRACT

The present work aimed to encourage the geographic studies in the final series of the Elementary School in the Municipal School of Primary Education Maria Marques de Assis in the city of São Domingos – PB, through the knowledge and appreciation of the cord literature that favor the students' knowledge about the uses and social functions and cultural aspects of the Northeastern people. The cord comprises an oral discursive genre, narrated and / or sung, accompanied by a viola, and written, printed in booklets, for the purpose of informing, entertaining, telling facts, teaching, honoring, among others. The study evidenced the importance of cord poetry, as well as its conception and historical context. An investigation was made on the pedagogical practice of the Geography teacher, more specifically, regarding the use of cord literature, as an important resource for this purpose. It was also tried to identify the forms of insertion of the cords as pedagogical resource for the learning in the classroom in the final series of Elementary School. The methodology used was the bibliographic research, which subsidized us to obtain a better understanding of the subject. It is concluded that the string disposed as a resource in Geography classes, favors a dynamic and creative teaching, whose purpose is to contribute to the development of subjects in formation, thus effecting the learning process.

Keywords: Cord Literature. Playful strategy. Geographical knowledge.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A ORIGEM DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL.....	12
2.1 A CHEGADA DO CORDEL.....	12
2.2 DISSEMINAÇÃO DO CORDEL NO BRASIL.....	14
2.3 A COMPOSIÇÃO DO CORDEL.....	17
3 A IMPORTÂNCIA DA POESIA DE CORDEL NAS AULAS DE GEOGRAFIA..	20
3.1 A LITERATURA DE CORDEL: instrumento lúdico para as interações homem-sociedade no ensino da Geografia.....	24
3.2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA DE CORDEL: considerações acerca da sua significação social.....	29
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	32
5 A LITERATURA DE CORDEL COMO FERRAMENTA DIDÁTICA VOLTADA PARA A DISCIPLINA DE GEOGRAFIA.....	34
5.1 O CORDEL NAS AULAS DE GEOGRAFIA.....	35
5.2 PRÁTICAS POÉTICAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

1 INTRODUÇÃO

O cordel compreende um gênero discursivo oral que pode ser narrado e/ou cantado acompanhado de uma viola, e escrito, impresso em livretos, cuja finalidade é informar, entreter, narrar fatos, ensinar, homenagear, entre outras. Os temas são diversos, como peleja, romances históricos e aventuras, histórias de amor, narrativas de acontecimentos fabulosos, contemporâneos, passados.

A origem das histórias contadas nos folhetos suscitou de diversas fontes, como a invenção do autor, manifestações folclóricas, interpretação de acontecimentos reais pelos poetas que os transformam em versos. Os cordelistas, na maioria, são nordestinos.

O estudo desse gênero, em sala de aula, concebe aos alunos adquirir conhecimentos de diversas áreas. O ensino da literatura de cordel nas séries finais do ensino fundamental delinea um espaço de inúmeras discussões, especialmente no que diz respeito à atuação do professor ante os desafios da sociedade do conhecimento.

A escolha desta temática sobre o ensino da literatura de cordel partiu após o período de Estágio realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Marques de Assis na cidade de São Domingos – PB, a qual constitui o campo desta pesquisa, na vivência com os discentes, onde observamos que o estudo dos cordéis contribuiu assiduamente para o processo de aprendizagem neste ambiente no tocante à disciplina de Geografia, motivando a dissertar mediante um suporte bibliográfico sobre o tema em pauta.

Este estudo realizou uma investigação sobre a prática pedagógica do professor de Geografia, mais especificamente, no que se refere à utilização da literatura de cordel, como um importante recurso para este fim. Para isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), particularmente, constituem um referencial para o ensino no país, apontam para a importância do trabalho com esse gênero, direcionando-nos também para a utilização nas mais diferentes formas de aprendizagem, dada a sua importância para o ensino interdisciplinar.

Portanto, o objetivo geral desse estudo monográfico é incentivar os estudos geográficos nas séries finais do Ensino Fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Marques de Assis na cidade de São Domingos – PB, através do conhecimento e valorização da literatura de cordel que favoreçam aos alunos refletir sobre os usos e papéis sociais e culturais do povo Nordestino. Assim, é possível visualizar as problemáticas e desenvolver ações concretas que contribuam efetivamente para a melhoria da prática docente relativo ao ensino de Geografia através da utilização dos cordéis em sala de aula.

Constitui os objetivos específicos:

- ✓ Contribuir para a inserção do conhecimento da Literatura de Cordel na formação cultural dos alunos, como nordestinos nativos de uma região onde essa manifestação cultural é fortemente vivenciada;
- ✓ Desenvolver a imaginação e a criatividade na construção das poesias de Cordel, alicerçados a partir dos conteúdos geográficos;
- ✓ Apresentar os aspectos geográficos a partir da cultura popular brasileira.

No que concerne à estrutura, este estudo foi dividido em capítulos. Este, em questão, evidencia o primeiro capítulo, a Introdução, na qual consta o discorrer sobre a contextualização e escolha do tema e seu objetivo principal.

O segundo capítulo enfoca a origem da literatura de cordel no Brasil, as composições literárias, os conceitos, bem como retrata a interação e valorização desse gênero para ensino geográfico.

O terceiro capítulo assinala a importância da poesia de cordel nas aulas de geografia, bem como a necessidade de inserir esse gênero da literatura em sala de aula, proporcionando assim, meios para que o professor deixe suas aulas mais dinâmicas e interativas, levando para as mesmas outros recursos além dos livros didáticos, revelando através da poesia o interesse em estudar Geografia. Apresenta os embasamentos teóricos, com base na pesquisa de artigos de autores diversos. Esta etapa expõe os aspectos conceituais da literatura de cordel e sua relevante contribuição como recurso pedagógico no processo ensino e aprendizagem e a importância como instrumento lúdico.

O quarto capítulo traz o desenho metodológico, a apontar a natureza da pesquisa quanto à sua abordagem, objetivos e procedimentos. O desenvolvimento metodológico desta pesquisa decorreu realização de um trabalho minucioso, cuja finalidade foi à adoção de contexto de evidências e de construções, alicerçadas e validadas através dos conhecimentos sobre o tema explorado nesse contexto, norteadas por metodologias claras, precisas e flexíveis a sua própria ascensão. Este trabalho procurou identificar as formas de inserção dos cordéis como recurso pedagógico para as aprendizagens em sala de aula nas séries finais do Ensino Fundamental.

Em seguida, o quinto expõe a literatura de cordel como ferramenta didática voltada para a disciplina de Geografia, em que se enfatizou a linguagem poética como instrumento didático, cujo objetivo foi despertar a importância desse gênero associados aos conteúdos da Geografia escolar, repercutindo de modo significativa na aprendizagem do educando.

Por fim, teceu-se as Considerações Finais, ponderações importantes sobre a temática e indicações desse estudo.

Reforça-se, portanto, a relevância existente na interação professor e aluno com a finalidade de romper barreiras e quebrar paradigmas que interrompam os alunos durante suas aprendizagens, dando a cada um deles um tempo de qualidade, valorização e reconhecimento de suas competências, qual tal um modo de reflexão sobre si e sobre as realidades que os circundam – eis a perspectiva primordial desse trabalho.

2 A ORIGEM DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

O termo cordel teve sua origem a partir do vocábulo cordão, uma vez que sua comercialização era feita com os livretos pendurados em pequenos cordões. Abreu (1999), discorre que: “Não há, entre os estudiosos, um consenso quanto às origens de literatura de cordel no país e, particularmente seu desenvolvimento no nordeste brasileiro”. Segundo o autor, é evidente que apesar de estudos que encenam a literatura de cordel não há uma de fato uma autenticidade acerca da sua origem, contudo, especificamente tal gênero literário se justifica pela definição dada por muitos teóricos que adotarem posturas divergentes com relação a origem do cordel.

O surgimento da literatura de cordel, no Brasil, decorreu primeiramente como meio de entretenimento, para posteriormente se configurar como informação, ganhando forma e se difundindo com o passar do tempo, especialmente na região Nordeste, onde se encontra o maior número de autores cordelistas, a citar o renomado Leandro Gomes de Barros, o pioneiro da literatura de cordel.

Lima (2006), expõe que a ABLC – Academia Brasileira de Literatura de Cordel com sede no Rio de Janeiro, fundada em 07 de setembro de 1988, contou com o apoio da Federação das Academias de Letras do Brasil e também dos estímulos do Centro de Pesquisa da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Diegues Junior (1986, p. 20) acentua que desde a criação do Centro de Pesquisa da Fundação Casa de Rui Barbosa, em 1960, a partir da denominação de Literatura Popular em Verso, desenvolveu pressupostos com o intento de promover a literatura de cordel. Destes, foram concebidos os levantamentos bibliográficos e organização de coleções, bem como à preservação de documentos importantes sob a proteção, pois estavam com risco de perda, assim também, a publicação de uma ampla bibliografia constituída por catálogos, antologias e estudos especializados.

2.1 A CHEGADA DO CORDEL

A literatura de Cordel chegou ao Brasil por meio dos colonos portugueses, a partir do “século XVI ou, no mais tardar, no século XVII e era chamada de “folhas volantes” e também de “folhas soltas” compiladas em “cadernos manuscritos” (DIEGUES JUNIOR, 1986, p. 31). A compilação dos manuscritos era considerada como regalias de alguns sábios da época, contudo foi nos conventos que tal onisciência se revelou e ganhou grande respaldo. O autor

ressalta ainda a influência que teve a Igreja, por meio dos mosteiros, conventos, frades e sacerdotes, na difusão da literatura em prosa como também em versos.

Para Diegues Junior (1986, p. 31), a literatura de cordel, no Brasil, enraizada pelos “portugueses, assim como já ocorria em Portugal devido à ausência, em grande parte, da escrita como também de um alto índice de analfabetismo, era através de hábitos de leitura em grupo, em festas públicas, em romarias, em feiras”.

Esse costume lusitano não foi único, conforme afirma Diegues Junior (1986, p. 37), ao explicar que, no Nordeste, “a literatura de cordel de origem portuguesa encontrou-se com a cultura de origem africana, e desta recebeu também a influência de hábitos dos escravos, que contavam suas histórias, cantando ou narrando”.

É possível elucidar que a literatura de cordel sofreu forte influência africana em sua narrativa. Nesse contexto, menciona como exemplo dos “argumentos de autoridade os textos de Bernardim Ribeiro, no século XVI; Almeida Garrett, no século XIX, em Portugal; e José Lins do Rego, no século XX, no Brasil. Este último menciona em seu romance regional *Meninos de Engenho* a figura de velhas negras estranhas que iam de engenho em engenho narrando seus cantos” (DIEGUES JUNIOR, 1986, p. 37).

Foi exatamente a fusão da tradição lusitana com a cultura africana que se deu o advento da literatura de cordel e os cantadores, com suas especificidades de formação dos grupos para comunicação dos seus versos.

Pinheiro e Lucio (2001, p. 11), evidenciam que desde “o século XIX e início do século XX, a Literatura de Cordel, instalada a princípio na vida do homem nordestino que vivia no campo, dependendo da agricultura, e, ainda, nas cidades com seus pequenos comércios, reuniu condições sociais e culturais favoráveis à caracterização do cordel como o conhecemos hoje em dia: como expressão da fisionomia cultural da região nordestina”.

Diegues Junior (1986, p. 40), assinala que os fatores de formação social contribuíram para essa caracterização: a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de famílias. Nessa conjuntura, sucedeu o surgimento de grupos de cantadores como elementos do pensamento enfatizadas durante as manifestações da memória tradicional de um povo.

O cenário campesino contribuiu de forma relevante para a perpetuação da característica original do cordel, enquanto narrativa oral e sucessivamente escrita, com função social educativa, de instrução, de aconselhamento e não meramente de entretenimento, pois grande parte da população residente no campo no Nordeste ainda não são alfabetizadas.

2.2 DISSEMINAÇÃO DO CORDEL NO BRASIL

Mediante investigações mais profundas, é possível afirmar que a literatura de cordel não foi sempre descrita em folhetos ou em outras fontes que conservassem sua memória. Em tempos remotos, o cordel era recitado apenas oralmente, logo depois os autores cordelistas começaram a fazer seus registros no papel, expressando dessa forma os seus talentos. Esse marco constitui a nossa cultura popular, assim como explana Viana (2010, p. 12):

A poesia popular nordestina, que ainda sobrevive nos dias de hoje, é herdeira direta da tradição grega, eivada de influências dos trovadores medievais da Península Ibérica. Essa poesia, antes difundida pela tradição oral, passou a ser publicada sistematicamente, a partir da última década do século XIX, pelo poeta paraibano Leandro Gomes de Barros [...]. Cresce cada vez mais o interesse de estudantes e educadores de todo o Brasil, em especial das escolas públicas da região nordeste, pela literatura de cordel. Esse poderoso veículo de comunicação de massas, que já foi oportunamente batizado de “professor folheto”, tem sido responsável, durante muitos anos pela alfabetização de milhares de nordestinos [...].

Conforme a historicidade do Cordel, atesta-se que esse gênero literário possui uma longa tradição, prevalecendo a forma oral durante um vasto período. Destarte, configura-se uma referência importante, visto que a conjectura dessa literatura propagada oralmente tinha um caráter excepcionalmente tradicional.

De acordo com Viana (2010), a disseminação do cordel na educação, cada vez mais intensificada, deu-se a partir do interesse uso dessa prática como recurso didático nas escolas de nosso país, principalmente na região Nordeste, favorecendo aos estudantes, bem como aos educadores, pela sua essência cultural, pela diversidade de interação e pela possibilidade de valorizar a oralidade do educando através das leituras e das produções de cordéis.

A propagação desse gênero literário, inicialmente, começou com os folhetos publicados no jornal. Ao longo do tempo passaram a ser impressos em tipografias dos próprios poetas.

Pinheiro e Lucio (2001, p. 15) afirmam que o percussor a divulgar e a vender suas criações e publicações literárias em verso foi Leandro Gomes de Barros (1893), assim fazia para assegurar que sua família tivesse o sustento necessário à sua sobrevivência. Posteriormente, a produção do cordel foi também realizada por Francisco das Chagas Batista (1902), viajante que comercializava seus folhetos e miudezas pelo sertão da Paraíba e de outros estados Nordestinos.

Com a criação da “Livraria Popular Editora”, em 1913, recai sob sua responsabilidade a edição e venda dos folhetos de diversos poetas regionais da Paraíba e Pernambuco. As poesias e a oralidade são modelos que confirmam os valores contidos no Nordeste pelos portugueses na época da colonização. No entanto, é impossível negar a influência do cordel português na estrutura da literatura de folhetos brasileiros.

A difusão dos cordéis se perpetuou, mesmo após a morte do pioneiro Leandro Gomes de Barros. Na ocasião, sua viúva negociou os direitos autorais outro poeta de renome, João Martins de Athayde, qual prosseguiu a publicação dos cordéis de Leandro Gomes, utilizando seu próprio nome. Nesse período, o importante era o nome do dono emissor pela distribuição e venda dos folhetos. A autoria do cordel, normalmente, vinha no fim escrito em formato de acróstico.

As informações sobre a origem do folheto de cordel têm referência aos séculos XV, XVI e não apenas ao século XVII, e sua divulgação deu início a partir da publicação da obra “Origens da Literatura de Cordel”, ou seja, as origens dessa arte literária, não apenas no século XVII na Holanda, contudo afluíram desde os séculos XV e XVI na Alemanha. Apesar das leituras nos apresentarem que a literatura de folhetos esteve presente em diversas nações europeias dos séculos XV ao XVII, não há de fato entre alguns autores o atestado da sua origem no Brasil.

Assim, explana Galvão (2001, p. 28):

Não há, entre os estudiosos, um consenso quanto às origens desse tipo de literatura no país e, particularmente, seu desenvolvimento no Nordeste brasileiro. Sabe-se que a questão das origens é sempre problemática no âmbito da historiografia contemporânea, revelando-se, quase sempre, um falso problema e um esforço inócuo em busca de sua solução na medida em que a história tem sido considerada como feita de descontinuidades e rupturas.

Galvão (2001) elucida que a origem e propagação da literatura de cordel estão relacionadas ao costume antiquíssimo de contar histórias, as quais começaram a ser escritas de forma gradual, para sucessivamente serem divulgadas pela imprensa em países diversos. Alguns modelos de literatura semelhantes a literatura de cordel foram encontrados no continente americano e possuem particularidades intrínsecas resguardadas em diferentes países, a exemplo da equivalência existente entre o “corrido” disposto no México, na Argentina, na Nicarágua e no Peru, e o “contrapunto”, que tem similaridade a Peleja ou Desafio, também encontrado no México. Ainda, na Argentina os “hajas e pliegos suetos” que são parecidos com o cordel, além desses, tem-se o “paydor” que recorda o nosso cantador.

No Brasil, ressalta-se que as práticas de contar história utilizadas desde o século XVI pelos índios e pelos povos africanos, se confrontam com a origem da literatura de cordel encontrada no país, já que essa arte se relaciona diretamente à similaridade portuguesa, cujo advento decorreu nos seus romances tradicionais. Os colonizadores trouxeram seus livrinhos, seus contos e cantos, junto com as suas memórias (GALVÃO, 2001).

As influências dos livros, da literatura de folhetos, assim como as novelas de cavalaria tiveram grande repercussão no século XVI em Portugal, século do descobrimento do Brasil. Como nos conta Galvão (2001), os portugueses trouxeram as novelescas, a literatura oral portuguesa resultante da elucidação comum das histórias populares lusitanas e o crédito dos livros e folhas soltas da literatura popular com princípios de tradição oral. O autor ainda ressalta “conservar a memória dos episódios pelo canto poético” é uma ação global e remota. Evidencia também que essa prática já era realizada pelos índios no século XV, assim como pelos povos africanos – bantos e os sudaneses –, que anotavam seus hábitos no modelo de poemas. Esses escritos continham contextos históricos e narrativas tradicionais importantes ao conhecimento acadêmico, pois os folhetos traziam poesia erudita, a exemplo de Gil Vicente.

A popularização das histórias de origem portuguesa e mesmo europeia constituiu o alicerce para a organização dos folhetos que se propagaram em Pernambuco a partir do século XVIII. Portanto, o debate acerca da origem do cordel, por alguns estudiosos, no Nordeste brasileiro se condiciona a existência dos modelos diversificados já presentes de poesia e oralidade nesse local “como as pelejas e cantorias”. Mediante as ponderações realizadas nesse estudo, é possível concluir que a literatura popular chegou ao Brasil, se instalou no Nordeste e se instalou nesse lugar, caracterizando-se como instrumento fundamental a sua cultura.

2.3 A COMPOSIÇÃO DO CORDEL

Face aos elementos de composição do cordel, foram descritos apenas os disponíveis no ambiente escolar para o trabalho em sala de aula e concernentes a história Nordestina.

De porte ao livreto de Cordel, segundo sua estrutura física, Luyten (2005, p. 45) evidencia que este deve conter “11 cm de largura por 16 cm de comprimento e pode também ser classificados de acordo com o número de páginas: o romance (24, 32, 48 ou 64 páginas) e o folheto (8, 16, ou 4 páginas) e a folha volante (avulsa)”.

É perceptível que a escolha dos cordéis se dá pela ilustração disposta na capa do livreto. Assim, essa parte chamativa para a leitura do enredo é constituída de um título, geralmente disposto no seu âmbito superior, escrita em caixa alta, onde o escritor expõe os destaques

relacionados com a história contada, e em caracteres menores aquilo que apenas complementa o título, assim: O grande debate de LAMPIÃO com SÃO PEDRO.

Pinheiro e Lucio (2001, p. 29), afirmam que “atualmente os folhetos trazem na capa duas formas diferentes de ilustração: as reproduções de desenhos ou fotos coloridas impressas em computador e xilogravuras de artistas populares”.

De acordo com Luyten (2005), a xilogravura não compreende uma arte tão longínqua, aparecendo nos folhetos desde a década de 1940. Antigamente, as capas eram ilustradas com fotografias dos artistas e clichês de cartões postais. Deu-se início a essas práxis com o artista Mestre Noza, em Juazeiro do Norte, santeiro conhecido (entalhador de estátuas). Este se revelou a partir da confecção de xilogravura – gravura talhada em madeira (imburana, cedro ou pinho), conforme definição do dicionário Aurélio (2010). Todo o processo de confecção da capa tinha o intuito de reduzir os custos do cordel.

As imagens reproduzidas nos livretos estão sempre em consonância com o seu conteúdo. Pode ainda ocorrer de o desenho causar certa ambivalência, requerendo do leitor uma atenção minuciosa acerca da exatidão da figura ao ler cordel, a exemplificar o cordel “A chegada de Lampião no inferno”. A forma singela dos contornos, as cores planas, a presença de motivos, paisagens e personagens nordestinas, fazem os leitores percorrer na fantasia do cenário, dando um viés de magia e aventura as criaturas fantásticas e sobrenaturais, características inerentes ao seu mundo de encantos e experiências.

Os títulos, que na maioria das vezes, também apresentam ambiguidades, especialmente, os mais cômicos e sarcásticos. A capa do cordel, ainda aponta outra característica, conforme explana Evaristo (2003, p. 129), “muitos livretos trazem na capa a referência a um único texto, mas incluem por vezes outras narrativas menores”.

Junto ao nome do autor, na capa do livreto é comum encontrarmos a inscrição da ABLC, ou seja, o autor é associado a Academia Brasileira de Literatura de Cordel. As xilogravuras são assinadas na parte inferior do desenho e/ou no canto esquerdo deste na capa. O autor do cordel pode ser também o criador da xilogravura, em ambos os modos se faz a descrição dos autores na capa. A edição, editora, e o local onde foi escrito e/ou a cidade do autor, data, mês e ano da produção são elementos constituintes e devem ser colocados na capa.

Com referência a capa do cordel, Diegues Junior (1986) evidencia alguns editores contemporâneos que se designam também como proprietários.

É o caso de João José da Silva, cuja casa Luzeiro do Norte ora é anunciada como Editora, ora como Tipografia, ora como Folhetaria, e indica vários

endereços; no Recife, pelo menos três. Na capa de um folheto informa a existência de revendedores autorizados no próprio Recife, em Maceió em Caruaru, em Juazeiro do Norte, em Fortaleza, em Natal, em Guarabira. Outro grande distribuidor, também atual, é José Bernardo da Silva, Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, Ceará. Existe também a Folheteria São João, em João Pessoa (DIEGUES JUNIOR, 1986, p. 42).

Na sequência da composição do cordel, temos a contracapa, na qual em alguns casos, encontra-se o estandarte da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. É comum conter as propagandas variadas dos patrocinadores do livreto, assim como um breve relato sobre a vida do autor do cordel, dedicatórias, agradecimentos e apoio cultural, um folheto de cordel homenageando alguém importante para o autor, ou ainda, a foto deste.

Em alguns cordéis, encontramos: algumas pequenas figuras e/ou pequenos desenhos que lembram o ambiente nordestino tais como cacto, serpente, boi, a figura de um cangaceiro; figuras de um livro aberto indicando a leitura do cordel, e, ainda, a presença de um pavão aludindo a um cordel famoso chamado “O pavão misterioso” (SILVA, 2013). Citamos como exemplo de cordéis que tiveram essas figuras: “A Guerreira do Sertão”; “A seca na minha terra”, “O homem que casou com a serpente”, entre outros. Enfatiza-se também os cordéis que apresentam imagens que formam caricaturas referente aos personagens da história narrada como é o caso do cordel “Patativa do Assaré, história da vida” de Antônia Barbosa e Lampião, de Abdias Campos”. Recentemente, tem-se ainda os cordéis que criticam a política, encenando a criatividade desta arte na esfera diplomática, como exemplo citamos: “Lula, um operário no poder”, de Guaipum Vieira, e no contexto paraibano, temos a “A peleja da Paraíba contra o Reicardo”, livreto apresentado no maior São João do mundo, em Campina Grande, no ano 2012. A produção e distribuição deste cordel foi de responsabilidade do Sindifisco. O intento desta criação foi protestar contra a atual gestão do governador paraibano”. A capa do cordel foi conferida a Régis Soares.

Um elemento relevante também para a estruturação do cordel é a paginação, mesmo não sendo padronizada nesse âmbito, deve-se optar por estar no canto inferior direito, no meio da página, do lado direito do leitor ou no canto superior direito. A paginação pode aparecer em tamanho variado, em qualquer lugar da página. Em alguns cordéis, as estrofes podem ser numeradas, contudo isto não configura uma regra dos cordéis.

Elucidamos outro instrumento, ou seja, os acrósticos, criados pelos poetas do cordel com o objetivo de assegurar a autoria de seus versos gravando seu nome nas letras iniciais da última estrofe do poema (LUYTEN, 2005). Os acrósticos consistem em uma composição poética, caracterizando assim, a produção da literatura de cordel.

Nesse contexto, vale apresentar um exemplo citado por Luyten (2005, p. 60):

L – eitor, não levantarei falso,
 E – screvi o que se deu,
 A – quele grande sucesso
 N – a Bahia aconteceu,
 D – a forma que o velho cão
 R – olou morto sobre o chão
 O – nde o seu senhor morreu.

A literatura de cordel ainda apresenta outra característica, segundo Evaristo (2003, p. 127), o chamado “esquema folhetinesco, presente também nas novelas televisivas, isto é, no final da narrativa, muitas vezes o poeta chama o leitor para a continuação daquela história na forma de outro livreto, que acaba se tornando mais um capítulo da vida de determinadas personagens célebres, como o *rei do cangaço*, ou outras narrativas similares”. Assim, exemplifica no trecho abaixo, retirado do cordel “A chegada de Lampião no céu”, de Rodolfo Coelho Cavalcante (1959):

Sou o Capitão Virgulino
 Guerrilheiro do sertão
 Defendi o nordestino
 Da mais terrível aflição
 Por culpa duma polícia
 Que promovia malícia
 Extorquindo o cidadão.

Conforme acentua Evaristo (2003, p. 126), “em alguns casos, descuidadamente ou por má-fé, outro poeta altera alguns versos do texto como um todo, inclusive da estrofe final e o resultado é a evidente adulteração do original e a apropriação indevida”.

3 A IMPORTÂNCIA DA POESIA DE CORDEL NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Neste capítulo, discorreu-se sobre o processo de ensino aprendizagem e a importância do uso da poesia de forma dinâmica nas aulas de Geografia, já que essa disciplina apresenta uma variedade de conteúdos que oportuniza o trabalho com a prática poética, fazendo desse recurso pedagógico um subsídio que permitirá ao educador, em seu cotidiano, lecionar com um conteúdo dinâmico, proporcionando aulas diferentes e atrativas, favorecendo assim a construção dos conhecimentos. No entanto, esse recurso não deve ser utilizado como forma de substituir o livro didático, e sim para complementar o conteúdo e ter uma melhor aprendizagem do mesmo.

Algumas informações formais e informais sobre a questão da Literatura de Cordel devem ser evidenciadas quando se menciona o cordel e o repente. As pessoas podem, muitas vezes, fazer confusão entre o cordelismo e o repentismo, muitas vezes crendo ser a mesma coisa.

Sobre esse importante estilo literário, o poeta Marco Haurélio ressalta que “O cordel é um dos galhos da árvore da poesia popular, como o repente também é. Mas, cordel e repente não são a mesma coisa, pois à medida que a árvore cresce, os galhos vão se distanciando, embora estejam unidos pela origem comum. [...] Repentista pode ser cordelista, e vice-versa. Mas não é regra” (HAURÉLIO, 2008, p. 15). Dessa forma, deve-se usar o cordel e o repente simultaneamente, de forma contextualizada com o conteúdo apresentado.

Literatura de Cordel é uma forma recente de se nomear o estilo poético moderno, pois “foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, numa aproximação com o que acontecia em terras portuguesas” (PINHEIRO; LÚCIO, 2001, p. 13).

Assim, embasado na Literatura de Cordel, o educador necessita pesquisar sobre o universo poético dos alunos, para que se inclua a poesia em sua realidade, vindo a estimular esses educandos a desenvolver e a descobrir o conteúdo estudado por meio das poesias recitadas e estudadas em sala de aula, respeitando dessa forma a integridade do indivíduo, mediante suas próprias aptidões e diferenças, tudo com vistas em uma aprendizagem significativa.

A literatura do cordel é trabalhada na educação de forma contextualizada, nas mais diversas disciplinas, inclusive a Geografia. Nesse aspecto, considera-se esse relevante recurso, uma vez que promove a interdisciplinaridade escolar, como também concebe a valorização cultural, local e regional, elucidando o trabalho com a leitura e a vivência, característica de cada povo, implementada com a natureza literária. Compreende-se que o cordel é inerente aos

atributos da realidade humana, emanados em forma de humor, além de retratar fatos ocorridos recentemente, fomentando nos alunos a criatividade de modo dinâmico, sem causar enfados, e conseqüentemente despertando o gosto de aprender.

Para Santos (2006), a eficácia do processo de ensino e aprendizagem deve partir da consciência da época em que se vive, salientando a necessidade de estar atento para a realidade espacial contemporânea. O cordel é um instrumento pedagógico que resgata a subjetividade e a estabilidade dentro de sala de aula, viés que proporciona a abertura do processo de ensino aprendizagem.

O cordel, como suporte para aulas de Geografia pretende valorizar a cultura popular de uma determinada região, e ainda, apresentar as características do tempo e do espaço, trazendo benefícios para todos os envolvidos na aprendizagem, já que há uma consonância entre os aspectos elencados na apresentação dos cordéis referentes aos conteúdos estudados geograficamente.

É notório que a literatura de cordel está cada vez mais próxima da linguagem popular, com os acontecimentos cotidianos, oportunizando ao aluno vivenciar concretamente a realidade na qual está imerso. O cordel retrata fielmente a linguagem cotidiana usual dos alunos, facilitando o entendimento dos textos, abrindo assim novos caminhos, e concebendo a construção do conhecimento. O aluno deve gostar das poesias expostas nas aulas, pois a partir da satisfação obtida pela apresentação do conteúdo em forma de cordéis, este aluno poderá ter uma maior interação e uma melhor aprendizagem.

Para Oliveira (1999), a sociedade tem em sua cultura popular, o respeito que se dá a literatura de cordel trabalhada em sala de aula. Reconhecida como um patrimônio do povo brasileiro, nordestino. A linguagem coloquial recitada no desenvolvimento do cordel nos leva a vivenciar a identidade de uma determinada região, de cada ser, exigindo uma interpretação minuciosa, não só de textos literários, contudo, desenvolvendo a leitura de mundo, essencial para a valorização e formação do desenvolvimento de uma sociedade.

De acordo com as orientações dos PCNs, o avanço tecnológico favoreceu o crescimento da população, e conseqüentemente a necessidade de comunicação, determinando um contexto social de grandes mutações, principalmente nos métodos de ensino, uma vez que a cada época se tornam ultrapassados, e precisam de transformações que contribuam verdadeiramente para evolução humana, pois o contrapondo a essas mudanças temos altos índices de evasão e repetência escolar. Portanto, há atualmente muitos estudos nessa área, cujo intuito é reverter a real situação, em que se apresenta o sistema educacional.

A poesia desenvolve o processo de construção do conhecimento, que desperta e desenvolve não somente o gosto pela leitura, mas favorece o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer em ler, em falar, a imaginação é convidada a fluir, estabelecendo a atenção fundamental, além de conceder a socialização e afetividade. A literatura de cordel não é apenas um meio de distração e entretenimento, mas algo valioso para ser usado como estratégia para aproximar o aluno dos conteúdos estudados em sala de aula.

Segundo Ferreira (2010), a poesia auxilia na aprendizagem de várias disciplinas e na geografia ela é de suma importância, já que retratam de forma criativa de se trabalhar os mais variados temas pertinentes à ciência geográfica.

Nessa perspectiva, quando se trabalha gêneros literários em sala de aula é importante ter a preocupação de inserir um contexto social voltado para a vivência do aluno, apresentando a este, a partir desse recurso, uma forma diferenciada e prazerosa de estudar Geografia, já que a maioria dos educandos não se atenta aos assuntos abordados na disciplina, por considerá-los irrelevantes e enfadonhos.

Segundo Kaercher (2002):

[...] o ensino de geografia continua desacreditado. Os alunos, no geral, não têm mais paciência para nos ouvir. Devemos não apenas nos renovar, mas ir além, romper a visão cristalizada e monótona da Geografia como ciência que descreve a natureza e/ou dá informações gerais sobre uma série de assuntos e lugares. Devemos fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço, na constituição de sua individualidade e da sociedade de que ele faz parte (KAERCHER, 2002, p. 223).

Em consonância, Pereira (2011) faz uma crítica à antiga prática de ensino de geografia mnemônica, afirmando ser esse método chato e sem importância, propondo o uso de outros recursos para o trabalho em sala de aula, como: poesias, músicas, filmes, entre outros, favorecendo a inserção de instrumentos alternativos no processo de ensino e aprendizagem.

No entanto, é preciso o uso de diferentes formas de comunicação, ressaltando a Literatura de Cordel abordada no seio escolar, sendo esta um instrumento que passa a despertar no aluno os impulsos necessários para interação e recepção de mensagens ora exposta na disciplina em estudo. Assim, a Literatura de Cordel no âmbito pedagógico, na sala de aula, traz além de sugestões de trabalho com leituras e atividades relativas à construção do cordel, compreendido como “sinônimo de poesia popular em verso”, de fácil acesso por ter um custo reduzido, ganhando repercussões e espaço dentro do cenário educacional ((PINHEIRO; LÚCIO, 2001).

Mediante a interação entre professor e aluno, no processo de ensino e aprendizagem e o uso da poesia literária de Cordel em Geografia, Hoss (1977) salienta que esta prática: “[...] requer colaboração da inteligência, do raciocínio, da vontade, da memória, mais a contribuição de cada indivíduo ao processo educativo”.

A proposta apresentada pela poesia de Cordel favorece a elaboração e o desenvolvimento de atividades escolares diferenciadas, as quais expressam e influenciam a construção dos conhecimentos dos educandos.

A análise das poesias populares, que abordam temas científicos, realizada em sala de aula, como um recurso didático, torna-se um fator indispensável para auxiliar no processo ensino e aprendizagem, já que não limita as possibilidades de desenvolvimento intelectual do discente, mas ao contrário, é uma estratégia motivadora e que pode ser utilizada de modo interdisciplinar.

Nesse contexto, a poesia permite ao aluno uma maior concentração e interesse, além de outras atribuições, transformando o paradigma do ensino tradicional, que comumente distancia o aluno da sala de aula.

A poesia de Cordel é um recurso pedagógico importante para enriquecer a aula já que proporciona o desenvolvimento de habilidades e competências, além de despertar a sensibilidade e o interesse intrínseco dos educandos. Dessa forma, o dinamismo utilizado nesse cenário faz com que o trabalho docente se torne atrativo, dando as aulas um aspecto divertido, proporcionando uma melhor participação do aluno, como também amplia as possibilidades de uma aprendizagem significativa.

3.1 A LITERATURA DE CORDEL: instrumento lúdico para as interações homem-sociedade no ensino da Geografia

Em uma época de inovações e recursos tecnológicos atrativos disponibilizados no reduto escolar e na vivência social como um todo, está cada vez mais exaustivo se atentar sobre numerosas páginas dos livros didáticos, ou ainda ficar atentos à escuta de professores com aulas repetitivas e desinteressantes, desvinculadas aos aspectos reais da sociedade vigente, resultando no desinteresse os alunos comumente atestado nos dias atuais nas instituições de ensino, retomadas pela doutrina tradicionalista que tem o discente como um mero expectador, que não participa da aula, nem tão pouco usa o senso crítico, tornando dessa forma, uma educação desagregada da realidade em que o educando está inserido.

A expressão poética pode vir a despertar a sensibilidade do aluno, chamar sua atenção e conseqüentemente estimular a vontade de aprender. Além de subsidiar o educador com um

instrumento mutável e usual para o aprendizado, ressaltando a importância da inserção da poesia nas aulas de Geografia.

Nesse sentido, Pontuschka (2004) salienta que é preciso audácia para construir um ambiente propício a aprendizagem efetiva ao aluno, sendo inteiramente necessária uma reflexão acerca das estratégias utilizadas para o alcance do objetivo proposto. Portanto, pontua:

[...] o modo como o professor percebe a realidade pode se constituir em uma barreira, impedindo-o de ousar e experimentar alternativas pedagógicas, pois pode aceitar a realidade cotidiana de sua escola e de sua sala de aula como natural, ou pode concentrar esforços no intuito de romper com a rotina, buscando meios mais eficientes para atingir seus objetivos e encontrar soluções para os problemas e conflitos entre os sujeitos sociais (PONTUSCHKA, 2004, p. 189).

A forma como se trabalha com recursos lúdicos podem influenciar no desenvolvimento das aulas, a partir da utilização dos meios de comunicação, imagens, canções, poesias, etc.

Conforme Libâneo (2002) “[...] o professor não pode ignorar tecnologias como a televisão, o vídeo, os veículos de informação, de comunicação de aprendizagem e de lazer, porque há muito tempo o professor e o livro didático deixaram de ser únicas fontes de conhecimentos”.

A poesia é uma fonte de trabalho importante, pois compreende a ludicidade, além de ser utilizada como produção para a escrita e a leitura, favorecendo o desenvolvimento cognitivo, uma maneira de conceber ideias e informações, fazendo parte da comunicação social. No Ensino Fundamental recita-se muita poesia em sala de aula, utilizando-a de forma lúdica, para a integração pedagógica do conteúdo, contextualizando-a para promover a aprendizagem.

Para Ferreira (1988), lúdico significa o que tem o caráter de jogos, brinquedos e divertimentos. Corroborando, Pereira (2007) afirma que é através de atividades lúdicas, os discentes internalizam estruturas sociais como: regras, respeito, socialização entre outros, desenvolvendo a aprendizagem, a criatividade e o saber.

As práticas pedagógicas que buscam a melhoria da qualidade nas aulas são diversas, assim como o empenho do educador, uma vez que este é responsável pela adoção de metodologias de ensino com conteúdos próprios, com alternativas viáveis a interação de alunos e professores, respaldando as experiências inerentes a suas vivências sociais, devendo-se considerar suas singularidades mediante a elaboração dos conteúdos geográficos.

Pereira (2007) (apud Cardoso 2001), nos fala sobre a ludicidade, como uma característica essencial para o desenvolvimento humano. No entanto, Vygotsky (1998), ressalta

que a ludicidade e o prazer estão ligados de modo repreensível, ou seja, é por meio das experiências lúdicas que os alunos internalizam suas estruturas sociais e desenvolvem suas competências e habilidades psíquicas.

Nessa perspectiva, Santos e Borges (2011) afirmam:

[...] é possível a estimulação e a socialização dos alunos, pois com o lúdico é possível que se trabalhe em pequenos e grandes grupos. Os alunos serão desafiados e estimulados a pensar, desenvolvendo aspectos emocionais, afetivos e cognitivos. Através disso, eles passarão a ser cooperativos e responsáveis. Aprendem a perseguir seus objetivos, a agir de acordo com regras, o raciocínio fica mais rápido e aumenta sua criatividade (SANTOS; BORGES, 2011, p. 6).

Assim, faz-se necessário circundar a realidade de vida dos envolvidos nesse processo, especialmente no que diz respeito aos resultados positivos nas aulas de Geografia, já que a disciplina é construída no cotidiano, sendo válido sondar os conhecimentos prévios de cada um, visando à construção significativa da aprendizagem, deixando transcorrer naturalmente a inserção dos conteúdos, sem preocupar-se com concepções predefinidas.

É importante conhecer os conceitos que envolvem os processos relativos ao ensino geográfico, para assim relacioná-los com os assuntos abordados na aula, fazendo uso da Literatura em Cordel, que possibilita a imaginação e criatividade do aluno, propiciando a compreensão do conteúdo exposto. Vale ainda ressaltar a relevante contribuição que esta atividade tem para o aprimoramento da leitura e a interpretação de textos para posteriormente confeccionar os Cordéis, inserindo-se no espaço como sujeito, e vivenciando a realidade das transformações feitas no meio a que pertence.

Portanto, cabe ao professor saber desenvolver em sua prática pedagógica atividades que leve o aluno a ter um bom desempenho em sala de aula, especialmente nas aulas de Geografia. A linguagem literária é considerada uma fonte de transformação sob o ato de aprender com prazer, alegria e estímulo, de forma simultânea, que envolve professor e aluno.

Dessa forma, o texto de cordel pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do aluno com a sociedade. O cuidado que se deve ter é de apenas não tomar esse trabalho na escola como um mero pretexto para uma abordagem puramente gramatical ou mesmo literária, mas sim discuti-lo em toda a sua riqueza, que envolve não só as questões acima, mas também contextuais, o que serve de ponto de partida para a discussão dos problemas sociais, históricos, políticos e econômicos do nosso país (ALVES, 2008, p. 106)

Portanto, ressaltamos a importância do uso da poesia de Cordel como ferramenta didática na prática pedagógica e suas contribuições no processo de ensino e aprendizagem, elemento que favorece momentos lúdicos de incentivo e prazer entre educador e alunos.

Para Vilaça (2007), os seres humanos são poetas por natureza, adoram entonar. Sendo assim, a poesia pode ser utilizada para motivar as pessoas em quase todas as áreas de estudo.

A necessidade de inovações no âmbito educacional é discutida por Vieira e Sá (2007, p. 102), os quais afirmam:

A aula dinâmica, que tem a participação do aluno como sujeito na construção compartilhada do conhecimento, pode ser bastante produtiva porque o aluno está motivado a buscar as informações e comprometido com as análises para comprovar seus argumentos. É uma aula rica em conteúdo e todos saem com o conhecimento melhorado, porque a cooperação na construção de um saber coletivo motiva todas as que dela participam. Não é reprodução, não é “ditação”, não é cópia: é invenção dos autores (VIEIRA; SÁ, 2007, p. 102).

Nesse contexto, a linguagem poética tem um poder transformador e contribui inteiramente para o desenvolvimento da inteligência humana, é uma atividade lúdica que proporciona ao sujeito um aprendizado aprazível, formando um ser analítico e inovador.

Assim, Freire (2008), ao conceber a concepção ao indivíduo de ser um agente criativo.

Criar é um processo existencial. Não lida apenas com pensamentos, nem somente com emoções, mas se origina nas profundezas do nosso ser, onde a emoção permeia os pensamentos ao mesmo tempo em que a inteligência estrutura, organiza as emoções. A ação criadora da forma torna inteligível, compreensível o mundo das emoções (FREIRE, 2008, p. 63).

Portanto, ao utilizar a poesia nas aulas, como recurso pedagógico moderno, o aluno tem a oportunidade de vivenciar diversas experiências literárias que instiga o desenvolvimento do pensamento produtivo.

Na concepção de Weigel (1998), ser criativo é “um ato de originar alguma coisa. Ser criativo é viver adaptando formas de expressão as necessidades da vida. O processo criativo está em desenvolvimento quando somos capazes de criar ou recriar determinada situação com a qual nos deparamos” (WEIGEL, 1988, p. 188). Segundo o autor, o desenvolvimento da criatividade é susceptível as condições do ambiente em que o sujeito se imerge, ambiente este que estimula a imaginação, concedendo assim, o aperfeiçoamento das técnicas de aprendizagem.

Através do lúdico, a realidade e o faz de conta se confundem, pois, ao trabalhar com atividades lúdicas o processo de ensino aprendizagem se tornam mais prazeroso e estimulante, permitindo o desenvolvimento do educando e sua relação com o professor.

Vale ainda enfatizar os conceitos aferidos por Vygotsky (1998), sobre o desenvolvimento e aprendizagem, os quais ocorrem na “zona de desenvolvimento proximal”, ou “zona de desenvolvimento imediato”, como define Vygotsky (1998, p. 112): “[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Vygotsky aborda o nível de desenvolvimento chamado de real, que representa tudo o que a criança consegue realizar sem o auxílio de outras pessoas, atividades já firmadas pelo seu desenvolvimento. A zona de desenvolvimento proximal é caracterizada por alguns processos em construção, que ainda não alcançaram a maturação, mas que pode ser realizada com a ajuda de alguma pessoa para posteriormente ser executada de forma independente pela criança.

Neste contexto, o lúdico proporcionou a origem desta zona, podendo ser considerado um recurso a ser utilizado em meio às vertentes pedagógicas, uma vez que parte integrante da natureza humana, contribuindo para o amadurecimento dos processos de formação em discurso.

A educação lúdica, na sua essência, além de contribuir e influenciar na formação [...] do adolescente, [...] integra-se ao mais alto espírito de uma prática democrática enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio (ALMEIDA, 1998, p. 41).

Alves (2008), ressalta que fazer uso da literatura de cordel favorece a ampliação do entendimento das diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais. Para a autora, é possível associar o que está escrito a realidade vivenciada.

A literatura de cordel proporciona ao aluno verificar as intenções dos autores na produção de um texto: Abordar a presença da literatura de cordel em sala de aula implica refletir, entre outras coisas, sobre as concepções de leitura, literatura e ensino postos em prática no cotidiano das escolas. Seria propor uma forma de estimular os alunos a enxergarem o que há por trás dessas produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação

às vozes que ele traz consigo. Vozes essas capazes de expressar questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais (ALVES, 2008, p. 108).

Conforme o exposto, o educador possibilita ao aluno à construção de novos conhecimentos através das atividades, sendo capaz de produzir e ofertar soluções às situações-problemas impostas neste âmbito, utilizando o lúdico como meio motivador para a percepção e a construção do raciocínio de forma diferenciada. Contudo, o professor precisa atentar-se ao elaborar atividades lúdicas, apresentando ao aluno a maneira diferenciada de se estudar, sendo ele a ponte que conduzirá o lúdico aos alunos.

A criação e execução do cordel compreende uma atividade lúdica relevante, segundo Luckesi (2004), para o trabalho em sala de aula, utilizada pelos professores, pois além de compor uma ferramenta que leva a diversão, ainda propicia a construção efetiva dos conhecimentos. A ludicidade se difunde para além da ideia de lazer restrito às experiências externas. Portanto,

[...] quando estamos definindo ludicidade como um estado de consciência, onde se dá uma experiência em estado de plenitude, não estamos falando, em si das atividades objetivas que podem ser descritas sociológica e culturalmente como atividade lúdica, como jogos ou coisas semelhantes. Estamos, sim, falando do estado interno do sujeito que vivencia a experiência lúdica. Mesmo quando o sujeito está vivenciando essa experiência com outros, a ludicidade é interna; a partilha e a convivência poderão oferecer-lhe, e certamente oferecem sensações do prazer da convivência, mas, ainda assim, essa sensação é interna de cada um, ainda que o grupo possa harmonizar-se nessa sensação comum; porém um grupo, como grupo, não sente, mas soma e engloba um sentimento que se torna comum; porém, em última instância, quem sente é o Sujeito (LUCKESI, 2004, p. 18).

A educação realizada por meio da ludicidade facilita a aprendizagem do aluno. Enquanto se cria uma poesia e a apresenta aos demais envolvidos nesse processo, o sujeito é instigado a recriar definições cotidianas, entendendo a realidade, e sanando eventuais dificuldades, desenvolvendo satisfatoriamente sua identidade e autonomia.

Para Silva (2014), o lúdico como método instrutivo facilita a expressão e criação. Através dessa ferramenta pedagógica, o educando aprende de forma passiva e prazerosa, além de facilitar o seu desenvolvimento cognitivo no ambiente escolar. Portanto, é papel do professor ser um mediador, pois este estimula a aprendizagem dos alunos por intermédio da ludicidade em sala de aula.

3.2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA DE CORDEL: considerações acerca da sua significação social

A diversidade literária face a sua significação social é uma possibilidade de mudança no processo de ensino e aprendizagem, na medida em que dinamiza as aulas e põe o aluno em contato direto com os diversos tipos de conteúdos que circulam no seu meio. Para tanto, aludimos a poesia de Cordel como respaldo para o ensino, pois apresenta o duplo poder de conquistar leitores e escritores e dinamizar as aulas, aperfeiçoando a atividade pedagógica e didática escolar.

Nesse sentido, é necessário estabelecer relações interdisciplinares, o que não compreende uma tarefa reduzida a uma readequação metodológica curricular, como vista em tempos remotos, contudo salientamos essa ação adjunta a pedagogia dos projetos.

Socialmente, segundo Silva e Sousa (2006), a interdisciplinaridade é uma questão epistemológica e está na abordagem teórica e conceitual dada ao conteúdo em estudo, concretizando-se na articulação das disciplinas cujos conceitos, teorias e práticas enriquecem a compreensão do conteúdo.

Nos últimos anos, identifica-se a utilização de novos métodos e técnicas para o ensino, pautadas em diversas tecnologias, sejam elas contemporâneas ou tradicionais. Ou seja, o uso de linguagens alternativas e novas formas de apresentar conteúdos. Entre eles, destacamos aqui, a literatura de cordel, como linguagem alternativa para promover significado ao ensino. Um dos pontos mais relevantes acerca desse tipo de literatura que destacamos aqui é a sua relação com a perspectiva interdisciplinar. A interdisciplinaridade consiste na junção de componentes curriculares ou áreas de conhecimento diferentes, tendo como objetivo a construção do conhecimento conjunto. Diante da falta de integração das mais diversas disciplinas, surge a interdisciplinaridade, como recurso que reformula o paradigma epistemológico da construção do conhecimento. Tal fragmentação provém da doutrina positivista, que dividiu as ciências em várias disciplinas (SILVA et al., 2010, p. 312).

No âmbito educacional, o Cordel pode exercer funções que despertem o interesse dos alunos até mesmo para a compreensão da arte regional brasileira. É evidente que a construção do Cordel se dá, principalmente, na prática pela técnica utilizada na ilustração deste gênero. A imagem/gravura é a herança do Cordel mais usada para encenar o espaço geográfico em que se permeia a história.

Entendemos que para a concepção desta prática como meio da compreensão social organizada acerca da diversidade cultural que nos rodeia. Essa formação requer, antes de tudo,

uma postura dinâmica do professor, de modo que ele possibilite ao aluno o acesso à grande variedade de textos, relacionados ao conteúdo abordado, para a elaboração da poesia cordelista. Desse modo, o aluno desenvolverá uma postura de selecionar textos que subsidiem e assistem as suas necessidades.

Acreditamos que o poema é a porta para a formação do aluno enquanto leitor/escritor e que pode fluir o aluno a imaginação e a criatividade no universo educacional.

É preciso estar atento às especificidades que fazem parte do contexto social em que o aluno está imerso, pois conforme Libâneo (2006) a cultura dos sujeitos é heterogênea nos discursos e nas vivências com diferentes saberes. As linguagens e condutas que se alteram suas relações entre os diferentes indivíduos que transitam pelo espaço escolar.

Os profissionais da educação precisam compreender as mudanças nas relações sociais, percebendo como as práticas pedagógicas e individuais se inserem nos contextos relativos a essa proposta. Ademais, não podemos especificar uma cultura individual dos sujeitos envolvidos no sistema de ensino/aprendizagem, mas sim se faz necessário perceber suas formas de vivências e experiências e distingui-las para então avançar para acrescentar saberes e poderes aos que se encontram nesses espaços em tempos de globalização (CARRANO, 2007).

Os sujeitos inseridos no espaço escolar possuem diferentes visões sociais que permeiam este ambiente. Para Carrano (2007), os profissionais da educação que compreendem tais sujeitos como singulares, transitórios, irresponsáveis e desinteressados pelo conteúdo educativo, acrescentam ao ambiente escolar como “lugar monótono”, atribuindo a educação uma obrigação precisa para produzir e conceber formas de viver em sociedade.

Nessa perspectiva, o trabalho específico com uma linguagem voltada para o alunado, retrata um período da vida em que o desenvolvimento do sujeito é marcado pelo processo de (re) constituição da identidade, para o qual concorrem transformações corporais, afetivo-emocionais, cognitivas e socioculturais. Assim, no caso do ensino de Geografia, considerar a condição afetiva, cognitiva e social do educando implica colocar possibilidade de um formar um ser reflexivo, em que não apenas se opera concretamente com a linguagem, mas também se busca construir um saber sobre os aspectos sociais e ambientais, além de salientar os modos como as opiniões, valores e saberes são veiculados nas práticas pedagógicas em sala de aula.

Nesse contexto, a mediação do professor, cumpre o papel fundamental de organizar ações que possibilitem aos alunos o contato crítico e reflexivo com o diferente e o desvelamento dos implícitos das práticas de linguagem, inclusive sobre aspectos não percebidos inicialmente pelo grupo como: intenções, valores, preconceitos que veiculam, explicitação de mecanismos de desqualificação de posições articulados ao conhecimento dos recursos didáticos.

Portanto, a literatura de cordel pode ser usada como um recurso, não só para a aprendizagem escolar, mas também para a interação do aluno com a sociedade. O cuidado que se deve ter é de não tomar esse trabalho na escola como um pretexto para uma abordagem puramente gramatical, mas sim discuti-lo em toda a sua diversidade, ou seja, em sua amplitude que concerne à discussão dos problemas sociais, históricos, políticos e econômicos do nosso país.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Mediante o objetivo almejado para este estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca do tema, como forma de obter maior ênfase na discussão atual da temática em torno da condição real que evidenciamos nesse contexto.

Através da pesquisa exploratória, é perceptível que esta expõe a grande relevância das metas que se deseja alcançar, possibilitando ao pesquisador um leque de informações a respeito do tema em estudo, pela qual se podem consultar diferentes obras e autores, ou seja, contribuindo, assim, para a qualidade final do seu trabalho.

Para a realização desse estudo foi utilizada a pesquisa bibliográfica, pois nela temos o contato com os autores que tratam da temática exposta e que nos subsidiou para a obtenção de uma melhor compreensão do assunto.

Para Gonçalves (2001), a pesquisa bibliográfica faz um levantamento de boa parte do conhecimento disponibilizado sobre o tema, de modo a possibilitar ao pesquisador outras teorias elaboradas por diferentes autores, de diversos lugares do mundo, podendo, assim, analisar e avaliar as contribuições dos mesmos em relação a explicação do seu objeto de estudo. Diante disso, a pesquisa bibliográfica compreende o

[...] levantamento de [...] bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas em imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 43-44).

É por meio desse tipo de pesquisa que se pode dar seguimento a um trabalho mais significativo e de qualidade, sem romper com os objetivos que são elaborados no início do processo, de modo que permite outro olhar mediante um determinado objeto. É preciso compreender por diferentes ângulos, os mais variados pontos de vista de teóricos que abarcam o assunto, e conseqüentemente, fazendo com que possamos construir nosso próprio posicionamento diante do tema no qual abordamos.

A pesquisa é um conjunto de atividade que visa à descoberta de conhecimentos em uma determinada área. Assim, salientamos que no meio acadêmico, a pesquisa compreende um dos pilares das ações universitárias.

Para Matos (2002, p. 21-22), “pesquisar é uma atividade da ciência que permite a aproximação o entendimento da realidade que investigamos e, além disso, nos fornece elementos que possibilitam a nossa intervenção no real”.

A pesquisa é um conjunto de atividade que visa à descoberta de conhecimentos em uma determinada área. Assim, salientamos que no meio acadêmico, a pesquisa compreende um dos pilares das ações universitárias.

O processo de investigação e construção do referencial teórico foi realizado conforme o tema escolhido nessa construção monográfica, por constituir intrinsecamente o embasamento substancial em consonância com os conteúdos da geografia.

Neste âmbito, salienta-se o papel do pesquisador que é servir como "veículo inteligente e ativo" (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11), entre o conhecimento acumulado na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa.

Para tanto, este estudo surgiu a partir do interesse dos saberes e as práticas poéticas direcionadas as séries finais do Ensino Fundamental desenvolvidas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Marques de Assis na cidade de São Domingos – PB, especificamente com alunos das turmas de 8º e 9º anos.

Mediante o exercício docente, enfatizou-se o contexto no qual a temática exposta por todo esse estudo está imersa. Dessa forma, a necessidade da utilização de meios próprios para a concretização desta pesquisa, os quais contemplam a prática docente em sala de aula durante o período de estágio, bem como a aplicação dos cordéis, permitiu a visualização da situação real na execução do trabalho com a literatura apresentada em sala de aula.

5 A LITERATURA DE CORDEL COMO FERRAMENTA DIDÁTICA VOLTADA PARA A DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Frente a prática do ensino de geografia na contemporaneidade, frequentar a escola para muitos alunos continua sendo algo enfadonho, uma vez que o avanço tecnológico está cada vez mais presente na vida dos jovens do século XXI, proporcionando aos alunos uma maior atração, do que os conteúdos expostos em sala de aula. Essa crescente realidade requer do professor, bem como também da escola uma prática efetiva que favoreça aos discentes uma aula agradável e dinâmica, despertando assim o prazer e o desejo de aprender.

As práticas obsoletas são referências dos professores de “tempos remotos”, como explicita Antunes (2012), que sustentam os procedimentos habituais de uma escola que já não existe mais, isto é, esses docentes não se dispõem a atender aos novos métodos, as tecnologias inovadoras, dificultando em suma o aprendizado do aluno. Ainda se vislumbra, infelizmente, nos dias atuais, professores que insistem em permanecer encadeados a práticas de ensino que não incita a atenção do aluno.

Entretanto, essa metodologia ainda perdura ao longo do tempo, pois muitos professores, não buscam inovações para o ensino que se transforma constantemente, e repetem seus planos de aula todos os anos, esquecendo a evolução dos tempos, e que lecionar geografia não é seguir com prontidão o livro didático, mas que o mesmo deve ser utilizado como um instrumento de orientação, pois vivenciamos um mundo de descobertas e progresso social e tecnológico, onde a geografia compreende uma disciplina fundamental na formação cidadã.

Um planejamento maleável e criativo dos profissionais da educação, com renovação da sua prática docente implica em um envolvimento maior dos alunos nas aulas de Geografia. A respeito do planejamento, Passini (2010, p. 101) elucida:

O método inclui a escolha de recursos didáticos e dinâmica da aula. A voz, o quadro-negro e giz são os recursos mais simples e antigos que o professor tem utilizado. O professor tem liberdade e ao mesmo tempo uma responsabilidade muito grande na escolha da forma e conteúdos para melhor atingir os objetivos propostos.

Nessa perspectiva, é preciso analisar os recursos utilizados na prática docente, e se o livro didático não está sendo usado excessivamente em sala de aula, concebendo um ensino remoto, visto com a maioria dos educadores, sendo este, talvez, a única fonte que os subsidia.

Pontuschka (2009) assinala que o livro didático deveria configurar-se de modo que o docente pudesse tê-lo como ferramenta para auxiliar sua reflexão geográfica com seus alunos. Corroborando, Masetto (1997), afirma que ao centralizar a construção do conhecimento somente sobre o livro didático, cria-se um ambiente de aprendizagem paralisada no tempo, tornando a aula sem completo interesse para os educandos.

Entretanto, é possível retificar essa conjuntura se o professor procurar enriquecer suas aulas com a adição de outros recursos, assim oportunizando uma educação eficaz para a melhoria da aprendizagem no ambiente escolar. Face aos recursos variados e dispostos ao educador, pode-se utilizar a literatura de cordel, pois a mesma associada a algum conteúdo torna-se uma ferramenta valiosa no processo de aquisição dos conhecimentos aos alunos.

Para Ferreira (2010), a técnica de combinar as diversas disciplinas à produção literária sempre foi utilizada, salientando as potencialidades existentes nesse meio como forma de auxiliar no aprendizado. Contudo, grande parte dos sistemas educacionais da sociedade hodierna, dentre os quais, a maioria vigente no cenário brasileiro, tem esquecido sua aplicação como metodologia de ensino. A utilização do cordel como suporte nas aulas de Geografia, muitas vezes, não é empregada nas escolas.

Portanto, é preciso avivar os professores para a inserção desse novo instrumento como uma nova competência auxiliadora da aprendizagem.

5.1 O CORDEL NAS AULAS DE GEOGRAFIA

A produção literária nas aulas de Geografia segue as orientações dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais editados pelo MEC/SEF, em 1997, os quais foram estabelecidos como instrumentos de apoio para a efetivação das ações pedagógicas em todo território nacional. Um grupo de educadores e especialistas reunidos pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação e Cultura foram selecionados para elaborar os documentos, para posteriormente serem encaminhados a especialistas de algumas universidades e às Secretarias Estaduais e Municipais para a avaliação crítica do trabalho desenvolvido e possíveis sugestões que implementasse a sua melhoria.

Diversos critérios adotados pelo documento representam subsídios teóricos que devem ser compreendidos como o início de um trabalho e não um fim acabado, que sirva de base para que o professor possa aplicar concretamente os conteúdos relativos a Geografia.

A orientação proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais reconhece a importância da participação construtivista do aluno e ao mesmo tempo, da intervenção do professor para a aprendizagem de conteúdos específicos que favoreçam o desenvolvimento das capacidades necessárias à formação do indivíduo. Ao contrário de uma concepção de ensino e aprendizagem como um processo que se desenvolve por etapas, em que a cada uma delas o conhecimento é “acabado”, o que se propõe é uma visão da complexidade e da provisoriedade do conhecimento (BRASIL, 1997, p. 44)

De acordo com os PCNs, a Geografia tradicional tinha enfoque descritivo, destacando paisagens e os lugares que eram apenas descritos em seu aspecto evidente. A disciplina, priorizava a memorização, olvidando plenamente a produção social do espaço. Os conteúdos eram vistos e trabalhados de forma desintegrada. Nesse sentido, o homem era apenas um elemento a mais no espaço. Não havia a correlação entre a historicidade e a totalidade, como também não existia a relação homem/natureza.

Na década de 1960, sob a influência das teorias marxistas, inicia-se uma “tendência crítica à Geografia Tradicional, em que o centro de preocupação passa a ser as relações entre sociedade, trabalho e a natureza na produção do espaço geográfico” (BRASIL, 1997, p. 104).

Com tantas mudanças globais, tanto a Geografia Tradicional como a Marxista reportavam somente a relação, homem, sociedade e natureza, desconsiderando a percepção da totalidade. O ensino da Geografia atentava-se apenas com os conteúdos conceituais, não havia a valorização dos conteúdos procedimentais. Desse modo, o ensino se restringia à aprendizagem de fenômenos e conceitos, desdenhando à formação do sujeito.

A Geografia tem o papel de despertar na sociedade um caráter de conscientização político e social, como também objetiva estimular o senso crítico e transformar cidadãos sabedores dos seus direitos e deveres, além de mostrar a realidade que os cerca. Essa relevante contribuição da Geografia para o mundo é explanada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (BRASIL, 2001, p. 123), ao assinalarem que: “pelo estudo da Geografia os alunos podem desenvolver hábitos e construir valores importantes para a vida em sociedade”. Nesse contexto o professor é peça principal em fazer com que o aluno aprenda e desperte nele o interesse por esta disciplina.

Segundo o PCN’s (BRASIL, 1997), as aulas de Geografia têm por finalidade tornar o mundo mais compreensível, acessível aos educandos, buscando um ensino para a obtenção de uma cidadania plena. Considerando tais aspectos, faz-se necessário direcionar o ensino da Geografia para uma esfera pedagógica de caráter interdisciplinar, estabelecendo os princípios do homem como sujeito construtor do espaço geográfico que produz, organiza e se apropria

dele, que também cria possibilidades de trabalhar coletivamente, como é a imersão dos projetos nas escolas.

Dessa maneira, enfatiza-se a possibilidade de se trabalhar com projetos, pois os mesmos permitem o aprofundamento de determinadas temáticas, conforme as realidades locais, abrangendo a flexibilidade no planejamento do professor. Lembrando que se deve ter a preocupação de trabalhar projetos pedagógicos que elejam a interdisciplinaridade e transversalidade relacionadas com a Geografia.

Trabalhar projetos que priorize a relação com a realidade discente, e como recurso usar o cordel como um suporte para efetivação das propostas elencadas para o trabalho em sala de aula, possibilitando ao educando uma maior interação e uma melhor aprendizagem, de maneira descontraída e prazerosa.

O cordel é um instrumento valioso que repercute muitos temas transversais, além de promover o entretenimento, cabe ao professor saber escolher junto com os alunos os folhetos que tragam em suas narrações temas a podem ser trabalhados em sala de aula e que configure relação com o conteúdo estudado. Destarte, o professor deve ter o papel de mediador nas interações educativas, criando desafios perante os conteúdos apresentados no processo educativo, lembrando sempre que o educando precisa mostrar a criatividade e a iniciativa face aos desafios e propostas apresentadas, instigando-os a analisar e a interpretar os conteúdos estudados e o mundo que os rodeia através da literatura de cordel.

Nesse âmbito, os PCN's respaldam a necessidade de se resgatar a subjetividade e valorização da compreensão do mundo simbólico, junto com as representações que norteiam as relações sociais no cenário global. Assim, os PCN's apresentam como propostas o uso de diferentes linguagens, como:

[...] também as produções musicais, a fotografia e até mesmo o cinema são fontes que podem ser utilizadas por professores e alunos para obter informações, comparar e inspirar-se para interpretar as paisagens e construir conhecimentos sobre o espaço geográfico. [...] A geografia trabalha com imagens, recorre a diferentes linguagens na busca de informações e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos. (BRASIL, 1998, p. 33).

Os PCN's procuram resgatar as diferentes linguagens no ensino de geografia, auxiliando no processo de ensino/aprendizagem e rompendo com o modelo tradicional.

Os parâmetros curriculares nacionais (2006), assinalam ser necessário reforçar a herança estética e artística dos educandos segundo o seu ambiente, vislumbrando o desenvolvimento

das competências em múltiplos sistemas de percepção, avaliação e prática da arte. Arte esta, que pode ser expressa em poesias, canções, narrativas, mediante suas concepções.

A utilização do cordel como recurso didático tem como finalidade aproximar os alunos da realidade e dos temas que serão exibidos pelo professor, em relação a isso ressalta Kaercher (1998, 19) esclarecendo que, [...] o objetivo não é (só) tornar a aula mais “legal” [...], mas sim, [...] questionar o que o aluno já sabe a fim de superar visões de mundo conformistas, conservadoras ou ligadas somente ao senso comum”.

O cordel, como produto literário, pode contribuir para a ampliação das competências e habilidades a serem trabalhadas em sala de aula. Portanto, se inserem nessa conjuntura a criatividade, a sensibilidade artística e fruição estética, considerando que a poesia tem o poder de aflorar nos alunos o “[...] Exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade e do mundo dos seres, o cultivo do humor” (CANDIDO, 1995, p. 249).

Certamente, o ensino da Geografia, deve mostrar ao aluno a poesia, não apenas como uma forma de descontração, mas como um meio diferenciado de explorar assuntos do seu dia a dia, os quais estão expressos nas composições de algumas obras literárias, como o cordel. É preciso um olhar mais aguçado, para que a aprendizagem flua e não passe despercebida para os mesmos, cabendo ao professor trabalhar as produções dos cordéis nas aulas de geografia, mostrando a relação que estes têm com a vivência do aluno.

Os PCNs utilizam os textos literários como instrumentos “[...] que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada” (BRASIL, 1997a, p. 26).

Ademais, os PCNs defendem a necessidade de colocar, [...] à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia [...], ‘revistas de literatura de cordel’, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros (BRASIL, 1997a, p. 61).

Portanto, elucida-se, nesse contexto, um primeiro benefício que a inserção da literatura de cordel no ambiente escolar pode trazer para o processo de ensino-aprendizagem: contribuir com o processo de diversificação de textos, viabilizando “[...] o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, [ensinando] [...] a produzi-los e a interpretá-los” (BRASIL, 1997a, p. 26).

Para tanto, os folhetos constituem também um artefato estético, possuidor de marcas inerentes, entre as quais a plurissignificação e a desautomatização da linguagem afloram

(FIORIN; SAVIOLI, 1990; PROENÇA FILHO, 1995). Assim, proporciona ao leitor observar estratégias criativas de trabalho dos autores com a linguagem poética.

Nessa perspectiva, os PCN acentuam que:

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário (BRASIL, 1997a, p. 29).

Com vistas na produção do texto em cordel, o qual é escrito em versos, as características estéticas alargam o conhecimento do aluno a revelar suas criatividade no seio de sua natividade, a qual se tornam cada vez mais profundas, assim:

No poema a linguagem recupera sua originalidade primitiva, mutilada pela redução que lhe impõem a prosa e a fala cotidiana. A reconquista de sua natureza é total e afeta os valores sonoros e plásticos tanto como os valores significativos. A palavra, finalmente em liberdade, mostra todas as suas entranhas, todos os seus sentidos e alusões, como um fruto maduro ou como um foguete no momento de explodir no céu. O poeta põe em liberdade sua matéria. O prosador aprisiona-a (PAZ, 1982, p. 28-29).

Para o ensino de Geografia, o cordel é compreendido como uma produção histórico-cultural, ao evidenciar que devemos considerar todos os eixos propostos, em um viés interdisciplinar.

A literatura de cordel é um instrumento que nos oferta vários recursos, como: textuais, sonoros e visuais e que oportuniza o trabalho com alunos de diferentes competências e habilidades cognitivas.

5.2 PRÁTICAS POÉTICAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Notoriamente, houve uma grande transformação no contexto social contemporâneo e em decorrência desse marco, o papel do educador também se transformou. Assim, é preciso mudar o perfil do professor de Geografia, buscando uma formação cidadã crítico e construtora.

A introdução de novas técnicas didático-pedagógicas é essencial para que ocorra uma mutação relevante na prática instrutiva, superando o método do ensino “bancário”, ensino esse

ressaltado por Paulo Freire (1994), no qual o professor apenas transfere os conteúdos e os alunos apenas reproduzem o que lhes foi repassado, configurando, desse modo, a educação caracterizada como um instrumento de submissão.

Portanto, se analisa a necessidade da utilização das práticas poéticas na complementação metodológica dos conteúdos apresentados nas aulas de Geografia, partindo das séries iniciais até o ensino médio, fazendo da poesia um instrumento alternativo para o ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o educador deve procurar adequar-se às novas realidades no processo educacional e às evoluções tecnológicas, procurando tornar suas aulas mais dinâmicas e atrativas, afim de propiciar uma maior interação entre o alunado.

É fundamental à renovação do ensino de geografia, por meio das novas práticas pedagógicas que despertem nos alunos interesse pelas aulas.

Acerca dessa conjuntura, Pinheiro et al. (2004, p. 104) elucida que:

Para romper esse estigma, alguns professores buscam várias maneiras de renovar e inovar o ensino. Nas transformações por que passa a escola, com vista à reformulação dos métodos educacionais, os materiais didáticos são de fundamental importância no trabalho do professor. Eles se constituem em instrumentos que possibilitam planejar boas situações didáticas, buscando promover a ampliação dos conhecimentos dos alunos, permitindo-lhes desenvolver conceitos, problematizar questões e articular conteúdos. Para isso, o professor deverá criar situações concretas de aprendizagem.

Vale ressaltar, nesse contexto, que essas práticas não podem ser preconizadas apenas pela metodologia da aprendizagem, contudo, deve-se atentar para a forma de como possibilitar a comunicação e a informação que integram as alternativas didáticas.

Os educadores precisam utilizar os recursos que lhe são disponibilizados para enriquecer suas aulas e estimular seus alunos, para tornar o processo de ensino-aprendizagem interativo e eficaz. Nesse âmbito, faz-se referência a literatura de cordel, destacando que essa arte pode ser utilizada na problematização cotidiana e na formação do cidadão de forma mais lúdica e recíproca.

Para Fernandes (1993 *apud* OLIVEIRA et al., 2002), salienta a imagem e o som no ensino de Geografia, baseando-se em três paradigmas curriculares, os quais possibilitam a compreensão dos fundamentos teóricos que norteiam a análise acerca da comunicação verbal e visual, participação e reflexão. O autor aclara, a preocupação da seleção do material audiovisual a ser trabalhado em sala de aula, lembrando a importância do conteúdo dos cordéis escolhidos e a conexão face a realidade dos alunos. Tais paradigmas são:

Técnico-linear - suas principais características são: a presença marcante do livro didático, orientação pedagógica a partir do planejamento presente no próprio livro, o tipo de avaliação, baseado na utilização de questionários com o controle central do professor;

Circular consensual - suas principais características são: o professor leva em conta as características e necessidades dos alunos e os recursos presentes na escola, a avaliação metodológica e seleção de conteúdos pautam-se nas condições de existência dos alunos. Ou seja, baseia-se na experiência de vida dos alunos, o professor apenas auxilia o processo, mas não interfere na realidade;

Dinâmico dialógico – suas principais características são: o professor tem clareza de que a escola é o espaço privilegiado para o debate e construção de conhecimentos, a pesquisa é uma atitude constante neste paradigma, a problematização dos conteúdos são sistematizados ou relacionados a realidade local. Os conteúdos, metodologias e avaliações, são entendidos como processos e planejados de forma que o todo e as partes estejam em constante relação.

Relativo aos modelos apresentados, o professor poderá desenvolver sua prática pedagógica, alicerçando-se conforme disposto em seu trabalho docente. Paulo Freire (2009, p. 22), evidencia que: “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”.

Oliveira et al. (2005, p. 74), também nos explana que; aliar essa facilidade de assimilação encontrada nos mais diversos gêneros musicais às propostas metodológicas e curriculares da Geografia pode gerar bons resultados.

O cordel, certamente, configura algo muito atrativo entre crianças e jovens, e pode ser compartilhado com colegas e professores. A literatura de cordel possui uma diversidade de conteúdos e contextos sociais que estão presentes na rotina o estudante. Desse modo, ressalta-se a importância do cordel, pois eles “[...] pretendem contemplar os temas de interesse específico de uma determinada realidade a serem definidos no âmbito do Estado, da cidade e/ou da escola” (BRASIL, 1997c, p. 28).

A educação da Geografia através da linguagem poética proporciona a experiência da “representação do saber construído pela interação intelectual e afetiva do homem com o meio ambiente, pois a interação natureza-sociedade faz parte do cotidiano de todos os seres humanos do planeta” (COSTA *apud* PINHEIRO, p. 105).

Portanto, é de responsabilidade do professor fazer uma escolha criteriosa dos cordéis a serem trabalhada em sala de aula, fazendo uma análise com a temática estudada, extraindo do educando uma posição crítica e uma correlação da temática proposta e a realidade vivenciada nesse contexto.

Evidenciando as práticas poéticas direcionadas a aulas de Geografia, cabe destacar alguns exemplos de cordéis selecionados para o trabalho em sala de aula, na ocasião e foram executadas as análises e estudo nas turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, tendo como suporte os livros didáticos e os PCNs de Geografia para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1998). Assim, houve a preocupação de associar as poesias de cordel aos conteúdos conceituais a serem lecionados.

Os cordéis selecionados para serem trabalhados nas aulas de Geografia foram: Cordel do rio Chico – pelas águas do São Francisco, de Jorge Fernando dos Santos, A Seca do Sertão, de Daniel Ferreira Leite.

Inicialmente, os alunos foram organizados em equipes, cujo objetivo era problematizar o conteúdo por meio da utilização dos cordéis como fonte de ensino-aprendizagem.

A primeira apresentação utilizou o livreto “Cordel do rio Chico – pelas águas do São Francisco”, de Jorge Fernando dos Santos (2016), para abordagem da temática: “A transposição do Rio São Francisco”, como também a questão da conscientização do uso racional da água.

Essa abordagem do conteúdo foi voltada ao 9º Ano do ensino Fundamental, uma análise da poesia, tendo como base os elementos da Terra. Os alunos fizeram a leitura do cordel (trecho abaixo), recitando-o, para a seguir debater sobre o ensinamento que o mesmo perpassa, levando os alunos a identificar quais conteúdos de Geografia estavam contidos na poesia de cordel, despertando assim a curiosidade e o interesse da turma. Foram analisados os aspectos históricos, econômicos, sociais e ambientais, fazendo também a relação com o conceito da água e seus benefícios e malefícios a vida.

CORDEL DO RIO CHICO – PELAS ÁGUAS DO SÃO FRANCISCO

Jorge Fernando dos Santos

À infância barranqueira
Do Rio São Francisco
Na esperança de um futuro melhor
(...)

Sob a ponte havia um rio,
Um rio chamado chico,
E só de pensar eu fico com a alma por um fio.
Sua vida se apagou

Como se fosse um pavio
(...)

Restam pedras no seu leito,
Rochas talvez milenares
Esculpidas feito altares
Por cinzel quase perfeito.
As água as encobriam e enxergar não tinha jeito
(...)

O chico foi descoberto
Por Américo Vespúcio
Que logo fez o anúncio
Dizendo que o viu de perto.
Outros depois confirmaram:
Navegante estava certo
(...)

Houve muitos pescadores
De anzol, tarrafa e rede.
O chico morreu de sede,
Hoje lamentam horrores.
A água que era tão pura
Passou a exalar odores
(...)

Muitos peixes lá se foram:
Surubim, curimatã, pirá, piau, matrinxã
Nesse rio já não moram.
Adeus, mandi-amarelo,
De saudade todos choram
(...)

O barqueiro desistiu

De fazer a travessia.
 Corredeira que havia,
 Nunca mais ninguém viu.
 Cachoeira já não queda,
 Agonia o tamboril
 (...)

Velho Chico se cansou de tanto ser explorado.
 De tanto ser maltratado
 Do leito se retirou.
 Suas águas não secaram,
 Ele apenas se mudou

Os alunos realizaram a interpretação do cordel acima a partir do tema, fazendo a relação com as referências das disciplinas do curso de Geografia correspondentes a discussão. A análise dos impactos socioambientais que poderão ser causados pela transposição do rio e também avaliaram as estratégias políticas e econômicas que envolvem este fluxo. Os alunos fizeram uma apresentação audiovisual do cordel, mostrando o percurso da transposição mediante o mapa. Trabalharam os trechos do cordel para estimular na turma uma discussão sobre as consequências provocadas pela interferência do homem no curso natural de um rio e as diversas políticas públicas relacionadas aos recursos hídricos e aos desejos da população.

A segunda equipe utilizou o cordel “A seca no Sertão”, de Daniel Ferreira Leite, abaixo fragmento do texto, para abordar a temática “O espaço e s aspectos políticos da época”. A abordagem deste conteúdo foi voltada ao 8º ano do Ensino Fundamental.

A SECA DO SERTÃO

Daniel Ferreira Leite

É triste seu doutor é muito triste
 É triste mais eu vou li conta
 Meu sertão se acabou
 Não se ver o gado urrar
 Nem o trote do cavalo
 Nem o vaqueiro aboiar.

O título de fazendeiro
Que o nordestino tinha
“Foisse” todo por terra
Morreu até a galinha
Não se tem milho e feijão
Falta na mesa a farinha.

Hoje não se encontra lá
As madeiras do sertão
pois morrerão todas com a seca
Favela, Umburana, Quebra facão
Pra todo canto que vá
Só si ver destruição.

É triste ver o gado
Todo morto pelo chão
Não se ver a Seriema
Ou canto do Gavião
Até mesmo a rolinha
Foi embora do sertão.
[...]

Vislumbra-se, assim, que a utilização dos cordéis, juntamente com imagens contidas nos livretos, e em outras fontes que foram pesquisadas, facilitou o diálogo com os demais integrantes da turma, identificando as características e desafios causados pela má administração do povo, permitindo também a exploração do conceito de espaço e as mudanças na vida das pessoas acometidas pela falta de políticas públicas eficazes devido a uma série de fatores decorrentes dessa conjuntura, além do modo de vida no espaço como expresso em alguns trechos do cordel.

Face as práticas pedagógicas, foi possível concluir que a poesia deve ser utilizada como meio de aprendizado, buscando questionar o conteúdo proposto a partir da construção de conhecimentos geográficos contidos nas composições dos cordéis, pois o uso deste recurso nas aulas de geografia facilitará grandemente a compreensão do aluno.

Portanto, a inserção de práticas pedagógicas inovadoras e metodologias estratégicas concebe ao aluno uma ótica crítica, possibilitando mudanças em sua forma de pensar a aprendizagem escolar, por isso a poesia deve ser realizada e entendida como processo contínuo, como um recurso importante que engloba ações e inspirações.

Assim, a utilização da literatura de cordel como princípio de aprendizagem, procura complementar o conteúdo proposto a partir da construção de conhecimentos geográficos contidos nas composições poéticas e na criação de situação de aprendizagem nas aulas de geografia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das informações obtidas nesse estudo e as contribuições advindas pela história cultural da literatura permitiram problematizar as afirmações sobre a ausência de recursos didáticos nos meios populares e suas consequências para o processo de ensino e aprendizagem.

A respeito literatura de cordel nas aulas de Geografia, ressalta-se a sua importância no âmbito pedagógico. A expectativa ao término deste trabalho suscitou na ampliação e compreensão do conhecimento do leitor sobre a poesia de cordel e seu ensino no espaço escolar.

O desenvolvimento e interesse por hábitos permanentes de conhecimento cultural é um processo constante que pode começar na família, na rua, na comunidade se aperfeiçoar na escola continuando por toda a vida, em vários espaços sociais.

Entretanto, ainda se caminha lentamente, pois muitos educadores não inserem à importância da poesia de cordel como uma forma lúdica de ministrar os conteúdos de Geografia em sala de aula. No âmbito educacional, o cordel é visto como um pretexto para outras atividades, e dentro desta realidade são usados de forma inadequada.

Portanto, procurou-se aqui oferecer, de forma clara e sucinta, um apoio ao professor de Geografia a partir de uma visão inovadora sobre a poesia de cordel e sobre o modo como podem ser trabalhados.

Neste estudo, iniciou-se uma reflexão sobre o valor que da literatura de cordel exercem na disciplina de Geografia, o que levou à conclusão de que a qualidade depende dos próprios educadores, aclarando a urgência de uma melhor instrução.

Mediante os capítulos acerca do ensino de literatura de cordel no Brasil, e sobre a sua contextualização em sala de aula, compreendeu-se a importância da escola como instância formadora de leitores e escritores, onde o professor, como agente mediador desse processo, tem uma função primordial de estimular os alunos a escrever. Este processo deve contemplar atividades desafiadoras, de acordo com os interesses dos estudantes, bem como possibilitar a construção de textos conforme os critérios de textualidade.

Assim sendo, observou-se que os cordéis, por diversas razões, ora pelo seu caráter dinâmico e linguagem lúdica, ora pela apreciação a respeito dos valores, configuram um instrumento enriquecedor que deve ser aludido no espaço escolar a partir de uma abordagem que também permita a construção de novos saberes.

Alcançamos, portanto, o objetivo desse trabalho: o de incentivar os estudos geográficos nas séries finais do Ensino Fundamental através do conhecimento e valorização da literatura de cordel que favorecessem aos alunos conhecimentos sobre os usos e funções sociais e culturais

do povo Nordestino, valorizando a poesia como um instrumento de reflexão e aprendizagem; uma vez que se apresentou a temática em questão a partir de discussões conscientes e fecundas para o seu tratamento em sala. O propósito foi respondido nestas averiguações, nas quais percebemos que o ensino poético deve ser repensado de acordo com uma aprendizagem significativa, a qual se define como experiência com os textos.

Considera-se relevante que a escola e os professores possam propiciar instrumentos que suscitem e desenvolvam uma prática de aprendizagem bem direcionada, com estratégias de atividades que provoquem e estimulem a criatividade dos alunos, para que estes superem a inércia ou desinteresse na elaboração de seus textos e possam agir como sujeitos críticos capazes de escrever sobre si e sobre o universo.

Esse trabalho, portanto, contribuiu com apreciações de teorias e práticas sobre o ensino da literatura de cordel, apontando estratégias e sugestões de autores conceituados nessa área, com abordagens e direcionamento que devem ser tomadas em sala de aula, para poder obter êxito ao trabalhar com os alunos, com as mais variadas situações, sejam elas de classe ou extraclasse, levando o discente a viajar e a se expressar pelas infinitas dimensões do pensamento.

A literatura de cordel possui vários significados no cotidiano das pessoas e se utilizada de forma adequada pode ser um agente facilitador em diversas situações que envolvam o raciocínio e a aprendizagem. É necessário idealizar a música e o estilo de aprender, considerando o processo de ensino-aprendizagem e sua importância como desenvolvimento cognitivo. A sua utilização em sala de aula e a contribuição aferida por ela, denota um recurso pedagógico importante, e não um simples entretenimento.

A prática poética propicia uma aproximação dos conteúdos capaz de transformar o aprendizado do educando em algo significativo para o seu desenvolvimento intelectual e pessoal, pois compreende um instrumento valioso no ensino e aprendizagem.

O recurso exposto pode ser utilizado com a finalidade de simplificar a assimilação dos conteúdos, não só na disciplina de Geografia, mas em qualquer outra área do conhecimento. Assim, o cordel torna-se um elemento importante às aulas de Geografia e de grande relevância para se alcançar uma educação de qualidade, contribuindo notoriamente para a formação de cidadãos críticos e reflexivos.

Por fim, o cordel disposto como recurso nas aulas de Geografia, favorece um ensino dinâmico e criativo, cuja finalidade é contribuir para o desenvolvimento de sujeitos em formação. É com esse pensamento que se optou por encarar a educação promissora, partindo de uma visão auto reflexiva que se inicia no reconhecimento da responsabilidade,

primeiramente do professor, enquanto agente de formação dos discentes. Em segundo, acredita-se que o trabalho com cordéis que circulam a realidade do aluno é um caminho promissor para a sua formação, pois possui inteira significação, o sentido da aprendizagem remete-se numa efetiva proposta de aprendizagem. Nesse contexto, cabe à escola transformar-se em um meio de oportunidades para o desenvolvimento dessa proposta e seguir conseqüentemente, direcionando a uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras: ALB, 1999.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica**. São Paulo: Loyola, 1998.

ALVES, R. M. **Literatura de cordel**: por que e para que trabalhar em sala de aula. Revista Fórum Identidades. 2008, ano 2, vol. 4, p. 103-109. Disponível em: http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IN D_4/SESSAO_L_FORUM_Pg_103_109.pdf. Acesso em: 15 de março de 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. Brasília: MEC\SEF. 1997. 116 p.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1997a.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Temas transversais/Ética**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1997c.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia (5ª a 8ª séries)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂNDIDO, A. **O direito à literatura**. In: A literatura e a formação do homem. Vários escritos, 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARRANO, Paulo. **Educação de jovens e adultos e juventude**: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. revista de Educação de Jovens e Adultos, Belo Horizonte, v. 1, n. 0, p. 55-67, ago. 2007. Disponível em: . Acesso em: 25. Mar. 2016.

CARDOSO, L. M. F. **Atividade lúdica e a criança hospitalizada**: um estudo na pediatria do Hospital São Sebastião, em Viçosa-MG. Dissertação de Mestrado, UFV. Viçosa: UFV, 2001.

DIÈGUES JUNIOR, Manuel. et al. **Literatura popular em verso**: estudos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

EVARISTO, Marcela Cristina. **O cordel em sala de aula**. In: BRANDÃO, Helena Nagamini (Org.). Gêneros do discurso na escola. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003, (Coleção Aprender e ensinar com textos, V 5).

FERNANDES, B. M. **Som e imagem no ensino de Geografia**. Presidente Prudente. Mimeo, 1993.

FERREIRA, M. S. **A rima na escola, o verso na história**: um estudo sobre a criação poética e a afirmação étnico-social entre jovens de uma escola pública de São Paulo. São Paulo, 2010. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1990.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. 184 p.

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GALVÃO, A.M.O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001a.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. 2.ed. Campinas, SP. Editora Alínea, 2001.

HAURÉLIO, Marco. **A trajetória do Cordel no Brasil, em Prosa e Verso**. In Revista Cultura Crítica – Revista Cultural da Apropuc-sp nº06 2º Semestre de 2008, p.15 a 21.

HOSS, Myriam da Costa. **Prática de ensino da língua portuguesa**. São Paulo: Mcgraw-Hill do Brasil, 1977.

KAERCHER, N. A. **O gato comeu a geografia crítica?** alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, N.N, OLIVEIRA, O. (orgs). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia é o nosso dia-a-dia**. In: CASTROGIOVANI, A. C.; CALLAI, H.C.; SHÄFFER, N.O.; KAERCHER, N.A.; (Orgs) **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre. Editora da UFGRS, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos**, 2006, 21ª edição.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** – novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Arievaldo Viana. **Acorda cordel na sala de aula: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação**. Fortaleza: Tupynanquin, 2006, (Coleção Queima-Bucha de Cordel).

LUDKE, M. e ANDRÉ. M.. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. (Temas básicos de educação e ensino). São Paulo: EPU, 1986.

LUCKESI, Cipriano. **Estados de consciência e atividades lúdicas**. In: PORTO, Bernadete (Org.). Educação e ludicidade. Salvador: UFBA, 2004.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

OLIVEIRA, José Erivan Bezerra de. Efeito e Recepção: leituras e leitores de cordel no espaço urbano. In: Revista de Letras n.º 21. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1999.

OLIVEIRA, A. R. de, et al. **A música no ensino de língua portuguesa**. In: Revista Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes. Vol. 10, n. 1, ano 2002.

OLIVEIRA, H. C. M. de, et al. **A música como um recurso alternativo nas práticas educativas em Geografia: algumas reflexões**. In: Revista Caminhos de Geografia. Uberlândia/MG, ano 8, n. 15, jun/2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATOS, Socorro Lopes, VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2. ed. rev. atual – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, S.S. **Reflexões sobre a prática de ensino e os recursos adotados nas aulas de geografia: A utilização de músicas em sala de aula por professores do município de Campina Grande, PB**. Dissertação (Doutorado em Geografia) - Setor de Ciência da Terra, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.

PEREIRA, P. G. **Reflexões sobre o uso de música na sala de aula de LE: as crenças e a prática de dois professores de inglês**. 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

PINHEIRO, E. A. et al. **O nordeste brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga**. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v.14, n. 23, 2º sem/2004.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina M. **Cordel na sala de aula**. São Paulo, Ed. Livraria Duas Cidades, 2001. (Coleção Literatura e Ensino II).

PONTUSCHKA, N. N. **Fundamentos para um projeto interdisciplinar: supletivo profissionalizante**. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de. (org.). Geografia e perspectiva: ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2004.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Memórias das Vozes: Cantorias, romanceiros e Cordel**. Prefácio Armino Bião. Salvador: Secretaria da Cultura e turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SANTOS, Leina Leal; BORGES, Marúcia Carla D'A Fonseca Santos. **Utilização do lúdico no processo ensino-aprendizagem**. In: Encontro regional povos do cerrado, VI. 2011, Pirapora. **Anais...** Pirapora: Junho, 2011. Disponível em CD-ROM.

SILVA, Maria Joseilda da. **A importância da música nas aulas de geografia**. / Maria Joseilda da Silva. Monografia (Graduação) - UFCG/CFP. Cajazeiras, 2014.

SILVA, F. I. C.; SOUZA, E. D. de. **Informação e Formação da identidade Cultural: O acesso à informação na literatura de cordel**. Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v.16, n.1, p.215-222, jan./jun. 2006.

SILVA, Mara Cláudia de Oliveira. **A leitura do Cordel nas aulas de Língua Portuguesa no ensino Médio**. Taubaté: UNITAU, 2008. 100 p.

SILVA, Silvio Profirio da; ARCANJO, Jacineide Gabriel; SOUZA, Herica Clarice Borges de; SILVA, Renata Maria Santos; SOUZA, Cibeli Oliveira de; LUCENA, Carmen Santana de; ARAÚJO, Wanessa Ewen de; LUCENA, Kalhil Gilbran Melo de e TENÓRIO, Alexandre Cardoso. **Literatura de cordel: Linguagem, comunicação, cultura, memória e Interdisciplinaridade**. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 304-322. 2010. p. 318. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/viewFile/603/539> Acesso em: 16 mar. 2017.

VIANA, A. **Acorda cordel na sala de aula: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação**. 2. ed. Fortaleza: Encaixe, 2010.

VIEIRA, C. E. & SÁ, M. G. **Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda?** In: PASSINI, E. Y. *Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado*. São Paulo: Contexto, 2007.p. 101-116.

VILAÇA, Marcos Vinicius, 1939- V745t *Tarefas do presidente Marcos Vinicius Vilaça, 2006-2007 / com nota de Antônio Carlos Secchin*. – Rio de Janeiro: **Academia Brasileira de Letras**, 2007.

VIGOTSKY, Lev Semenovich, **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes 1998.

WEIGEL, A. M. G. **Brincando de música**. Porto Alegre: Kuarup, 1988.